

# ***Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta-cabeça em Cyrano de Bergerac***

*Silvia Liebel*

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

## **Resumo**

A *Viagem à Lua, ou Os Estados e Impérios da Lua* (1657), obra do francês Savinien de Cyrano de Bergerac, publicada postumamente, constitui-se em representante do libertinismo que se insurge na literatura do século XVII. Escrita em meio ao contexto de dessacralização do céu, seguindo a formulação de Jean Delumeau, a viagem de Cyrano apresenta em suas bases elementos do materialismo moderno, paralelamente à uma ácida crítica social. Nas fronteiras da utopia e da viagem imaginária, a obra recorre à forma romanesca e à ironia no desenvolvimento de um *topos* próprio do período que este artigo procurará explorar: o mundo às avessas, tema que encontrou terreno fértil em textos e imagens da Primeira Modernidade.

## **Palavras-chave**

Cyrano de Bergerac, mundo às avessas, utopia, viagem imaginária, Idade Moderna

*Silvia Liebel* é doutora em História pela Université Paris XIII, com tese dedicada às representações femininas na literatura de rua francesa dos séculos XVI e XVII, publicada com o título *Les Médées modernes: la cruauté féminine d'après les canards imprimés français, 1574-1651* (PUR, 2013). Seus interesses de pesquisa giram em torno dos mundos do impresso, gênero, criminalidade e violência, com ênfase na França da Primeira Modernidade. Atualmente é professora adjunta do departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde criou o Grupo de Estudos “Utopias modernas: literatura e construção da ordem (1467-1699)” e coordenou o projeto *Utopia: linguagens e representação*, programa de extensão que teve por escopo divulgar o tema da utopia na comunidade acadêmica e entre professores e alunos do Ensino Médio. Para mais informações, ver <https://projetoutopia.wordpress.com/>.

# ***Voyage dans la Lune: utopie, voyage imaginaire et le monde à l'envers chez Cyrano de Bergerac***

*Silvia Liebel*

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

## **Résumé**

*L'Histoire Comique* (1657), oeuvre posthume du français Savinien de Cyrano de Bergerac, est une représentante du libertinisme littéraire du XVII<sup>e</sup> siècle. Écrit dans le contexte de désacralisation du ciel, d'après la formulation de Jean Delumeau, le voyage cyranesque présente dans son noyau des éléments du matérialisme moderne en même temps qu'une critique sociale mordante. À la confluence de l'utopie et du voyage imaginaire, l'oeuvre s'appuie sur la forme romanesque et l'ironie dans le développement d'un topos caractéristique de la période que cet article cherche à examiner : le monde à l'envers, thème qui a rencontré un terrain fertile dans textes et images de la première modernité.

## **Mots-clefs**

Cyrano de Bergerac, monde à l'envers, utopie, voyage imaginaire, époque moderne

*Silvia Liebel* est docteur en Histoire par l'Université Paris XIII, avec une thèse consacrée aux représentations féminines dans la littérature de rue française des XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles, publiée sous le titre *Les Médées modernes: la cruauté féminine d'après les canards imprimés français, 1574-1651* (PUR, 2013). Ses intérêts de recherche sont centrés sur les mondes de l'imprimé, les rapports de genre, la criminalité et la violence, surtout dans la France de la première modernité. Actuellement elle est maîtresse de conférences à l'Université de l'État de Santa Catarina (UDESC), au Brésil où elle a créé le Groupe d'Études "Utopies modernes: littérature et construction de l'ordre (1467-1699)" et a coordonné le projet *Utopie: langages et représentation*, programme d'extension universitaire qui a eu pour but divulguer le thème de l'utopie aussi bien dans la communauté académique que parmi professeurs et élèves du *Ensino Médio*. Pour plus d'information, voir <https://projetooutopia.wordpress.com/>.

## I. Introdução

Savinien de Cyrano (1619-1655), dito de Bergerac, tornou-se mais conhecido pelo romance de Edmond de Rostand do final do século XIX, imortalizado nas telas por Gérard Dépardieu (*Cyrano de Bergerac*, 1990), do que por suas próprias obras. Com uma distância considerável entre o autor do século XVII, um dos maiores entusiastas do libertinismo florescente na literatura francesa de então, e sua representação contemporânea, não faltaram em sua vida, no entanto, características romanescas que fornecem um pano de fundo para as discussões suscitadas em suas obras.<sup>1</sup>

Em seu prefácio à *História Cômica*, título sob o qual a *Viagem à Lua* sai das prensas em 1657, Henry Le Bret, que se encarregou da publicação dos escritos inéditos de Cyrano, apresenta uma curta biografia. Nela, ao mesmo tempo em que idealiza o autor, “um homem de espírito raríssimo”<sup>2</sup>, sutilmente condena seus modos da juventude que o levaram a uma “inclinação perigosa”<sup>3</sup>. Afinal, ao narrar a vida do amigo de infância e companheiro de armas, Le Bret já entrara para as ordens menores, chegando mesmo a atribuir a Cyrano uma sincera conversão no leito de morte.

Entre os indícios lançados por Le Bret, as pesquisas pioneiras de Jean Lemoine (1911) no início do século XX e as investigações mais recentes, notadamente dos registros militares e atos notoriais por Madeleine Alcover<sup>4</sup>, esboça-se uma personalidade que transcende a ficção. Os elementos da vida de Cyrano, cuja crítica aguda à supressão das liberdades ecoa por suas obras, dispensam o embelezamento de biografias romanceadas como as de Willy de Spens (1989) e a redundância do célebre Jacques Prévot (1978; 2011).

Nascido na burguesia parisiense, com um entorno familiar bastante devoto, sobretudo em sua linhagem materna, que incluía parentes próximos à Companhia do Santo Sacramento, Cyrano não será o único a abalar as estruturas familiares com disputas religiosas. Cyrano I, avô paterno do autor da *Viagem à Lua*, é privado de seu

---

<sup>1</sup> Este artigo contém elementos previamente explorados em dissertação de mestrado inédita (Liebel, 2006). Tais elementos foram expandidos para a presente reflexão.

<sup>2</sup> Trad. livre: “*un homme d'esprit tres-rare*”. Le Bret, Henry. “Préface”. In: Cyrano de Bergerac, 1657.

<sup>3</sup> “*Cet âge [19 ans] où la Nature se corrompt plus aisément, et la grande liberté qu'il avoit de ne faire que ce bon luy sembloit, le proterent sur un dangereux penchant...*”. *Ibid.*

<sup>4</sup> Dentre a vasta produção de Alcover sobre Cyrano, destaque: Alcover, Madeleine. *La Pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac* (1970); *Cyrano relu et corrigé : Lettres, Etats du soleil, Fragment de physique* (1990); Cyrano de Bergerac, Savinien de. *Œuvres complètes*. Édition critique, textes établis et commentés par Madeleine Alcover (2001); “Le Cyrano de Bergerac de Jacques Prévot” (2012)

ofício de “*vendeur de marée*” (vendedor de peixes) em razão de seu abraço da fé protestante em plena época das guerras de religião. Ele recuperará o ofício com o edito de pacificação, adquirindo ainda em 1571 o prestigioso cargo de notário e secretário do rei (Alcover, 2010). Mas não é entre a burguesia togada que se afirmará Cyrano, o neto. Exímio duelista – no que o personagem de Rostand lhe deve –, “o demônio da bravura”<sup>5</sup> segundo Le Bret, com quem serviu em um regimento das guardas do rei sob o comando do barão Carbon de Casteljaloux, Cyrano enfrentou os espanhóis na Guerra dos Trinta Anos e foi ferido em diferentes ocasiões. Sua morte precoce, no entanto, ocorrerá longe dos campos de batalha, em circunstâncias ainda não esclarecidas<sup>6</sup>.

Ao abandonar as armas, dedica-se às letras e, tal como seu avô fizera décadas antes, é contra o catolicismo que Cyrano se voltará nos mundos que vai construir e em sua tragédia *A Morte de Agripina* (1654), assim como em suas cartas. Santos, milagres, a bíblia e a própria noção de divindade são colocados em xeque em seus escritos, construídos em meio às mais acirradas discussões sobre a natureza do mundo e das coisas na primeira metade do século XVII.

Discípulo de Gassendi, com quem construirá as bases de seu materialismo, notadamente a ideia de uma substância única formadora de todas as coisas, Cyrano vai, no entanto, além de indagações em relação ao atomismo. Suas obras exploram a relação entre os átomos e sua recepção pelo cérebro, a infinitude do universo, o movimento da Terra e da Lua, a posição solar central no universo, a ideia da alma não sobreviver à morte, e especialmente a defesa do epicurismo de uma vida livre do medo da ira divina, uma vida plenamente aproveitada. Se Greenblat (2012) localiza sua “virada” para que o mundo moderno visse a luz no século XV, com a redescoberta do poema de Lucrécio *Sobre a Natureza das coisas*, é sobretudo a partir do contexto vivido por Cyrano que a obra exercerá influência para além da gramática<sup>7</sup>. Com o desnudamento das superstições cristãs e da intransigência religiosa, Cyrano levantará a bandeira do libertinismo erudito do século XVII, enfatizando a liberdade inerente ao ser humano – o que o tornará reticente quanto a se submeter à patronagem de alguém, colocando-se sob

---

<sup>5</sup> Trad. livre: “*Le démon de la Bravoure*”. Le Bret, 1657.

<sup>6</sup> Na Epístola da primeira edição, Henry Le Bret fala de um golpe que Cyrano teria recebido na cabeça seguido de febre, em meio ao “cativeiro” imposto por seu irmão. Aparecem como hipóteses o incêndio da residência em que habitava por jesuítas, assim como um ataque na estrada à carruagem de seu patrono, o duque d’Arpajon, além da sífilis que há muito o afligia. O protagonista da *Viagem à Lua* afirma terminar de escrever seu relato em meio a uma longa convalescência.

<sup>7</sup> Jill Kraye reforça que, à exceção do interesse de Montaigne pelo naturalismo de Lucrécio, os humanistas do Renascimento voltaram-se sobretudo à sua gramática (Kraye, 2006).

os serviços do duque de Arpajon apenas em seus dois últimos anos de vida, quando o recurso às armas não mais podia lhe prover<sup>8</sup>.

Como sublinha Vilquin, o libertinismo nesse contexto não era um movimento coeso, e nem poderia sê-lo diante da questão maior que tocava seus autores: a ruptura com um modelo de pensamento único (1998). Horsley destaca as diferentes versões adotadas pelos pensadores libertinos do século XVII, à medida em que as censuras sociais se reforçam: das poesias “despudoradas” passa-se ao eruditismo e então à sátira, com os autores tendendo a dissimular seu posicionamento público. A partir da execução espetacular de Vanini e do julgamento de Théophile de Viau, assim como do progressivo controle dos impressos, assiste-se ao fim da primeira geração de libertinos na França de Richelieu (Horsley, 2016). Ainda que o período da regência de Ana da Áustria assinala uma maior flexibilização na ação da censura, profissões de ateísmo e discussões abertas sobre a sexualidade são então camufladas sob o estilo burlesco e viagens imaginárias, assinalando o recurso à sátira como disfarce para difusão de ideias. O reforço do controle sobre a impressão e a circulação durante o reinado de Louis XIV assinalará um novo patamar na expressão de ideias contrárias à ortodoxia.<sup>9</sup>

Cyrano insere-se nesse contexto de transição não apenas dos rigores sobre os impressos, mas também do próprio libertinismo, termo que convenientemente agrupa as expressões dissidentes em relação às imposições religiosas, sexuais e de pensamento. Em meados do século, a poesia libertina de base naturalista é ofuscada por textos racionalistas, voltados à compreensão do funcionamento do universo, imiscuindo-se a contestação filosófica à contestação política. Não à toa, o protagonista/narrador da *Viagem à Lua*, cujo nome Dyrcona (anagrama de “Cyrano d”) será revelado na *Viagem ao Sol*, é expulso do Paraíso em sua busca pelo conhecimento. Seu guia é o Demônio de Sócrates, também inspirador de contemporâneos seus como Gassendi, La Mothe le Vayer e Tristan l’Hermite<sup>10</sup>. Diferentes expressões da crítica à autoridade única compartilham com Cyrano a recusa às verdades prontas, aos fundamentos sobrenaturais. A esse respeito, Chartier se indaga quanto à leitura de seus principais intérpretes:

---

<sup>8</sup> As informações biográficas de Cyrano foram retiradas sobretudo dos textos de Alcover acima citados, além das informações trazidas por Le Bret na primeira edição da *Viagem à Lua* (1657).

<sup>9</sup> A esse respeito, ver especialmente Martin (2000), *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVII<sup>e</sup> siècle (1598-1701)*.

<sup>10</sup> O demônio cyranesco, aliás, louva a virtude e a sabedoria de Tristan, l’Hermite, acima de todos os outros “esclarecidos” pelos seres extraterrenos. (Cyrano de Bergerac, 2004, p. 55 *et seq.*)

Será preciso compreendê-la [a libertinagem] como um vitalismo, que fundamenta nas metamorfoses sem fim da matéria a negação da existência do Deus criador, já que o universo é eterno, e a da alma individual, já que cada ser participa da cadeia ininterrupta das transformações? Ou, ainda, como sugere a escrita polifônica de Cyrano, deve-se renunciar à atribuição de uma posição filosófica determinada ao autor e, considerando que Dyrcona não é Cyrano, apesar da relação quase anagramática entre esses nomes, ver em sua obra uma recusa cética de todos os sistemas e de todas as crenças? (Chartier, 2007, p. 169)

Os múltiplos sentidos construídos nas leituras plurais de Cyrano ainda levantam choques interpretativos que não anulam, ao contrário, acentuam o impacto do libertinismo entre os jovens escritores do século XVII. Darmon destaca, nessa linha, como o conceito de libertinismo em Cyrano se relaciona não apenas a elementos do pensamento e escrita, encontrados em outros autores, mas também a escolhas estéticas nos diferentes gêneros por ele atravessados – da tragédia à comédia, passando por uma ampla coleção de cartas e pelo romance. A busca da liberdade se constitui, para o autor, “no ethos e na ética de Cyrano, assim como os efeitos induzidos por sua imaginação ‘de fogo’” (Darmon, 2004, p. 12). Em suas viagens, o epicurismo fundamenta “uma literatura do infinito”, na qual os elementos empíricos se anunciam ao narrador (e ao leitor) à medida em que se desnudam mundos, seus habitantes e as práticas e crenças que esses constroem (*ibid.*, p. 17).

A bandeira da recusa desfraldada pelo libertinismo de Cyrano se apresenta em meio à construção da civilidade do Grande Século, com o avanço das formas de controle que se estendem sobre o corpo social – da etiqueta que, muito mais do que bons modos, é instrumento de dominação, ao reforço do aparato judiciário, passando pela vigilância dos impressos e dos comportamentos no meio urbano<sup>11</sup>. As práticas de cerceamento então lançadas pelo Estado absolutista que se fortalecia não possuem, entretanto, meios para efetivamente controlar o conjunto de corpos e consciências de uma sociedade. Demonstra-o um indivíduo afeito às armas, mas, sobretudo, aos livros, homossexual<sup>12</sup>, com “uma reserva tão grande em relação ao belo sexo”<sup>13</sup> – o que ressonará especialmente em sua outra viagem, ao Sol –, desafeto declarado de homens de letras então prestigiados, como Scarron (as *Obras* de Cyrano serão censuras após sua

---

<sup>11</sup> Acerca da construção das sensibilidades modernas, ver notadamente Muchembled, *L'Invention de l'homme moderne. Cultures et sensibilités en France du XV<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle* (1994).

<sup>12</sup> Ponto em que mesmo Alcovert e Prévot concordam.

<sup>13</sup> Trad. livre: “une si grande retenue envers le beau sexe”. Le Bret, *op. cit.*

publicação por seus ataques ao poeta), e crítico feroz da Igreja, que morrerá amparado por religiosas.

Cyrano publicou em vida uma tragédia (*La Mort d'Agrippine*, 1654) e uma compilação contendo cartas e uma comédia (*Le Pédant Joué* in *Œuvres*, 1654). Foram-lhe ainda atribuídas várias *mazarinades* durante a Fronde, o que foi contestado pelas pesquisas mais recentes<sup>14</sup>. A *História Cômica* (*Histoire Comique*), título sob o qual originalmente foi publicada a obra *O Outro Mundo* pela primeira vez em 1657, divide-se em duas viagens: *Os Estados e Impérios da Lua* (*Les États et Empires de la Lune*) e *Os Estados e Impérios do Sol* (*Les États et Empires du Soleil*). A metade solar das viagens cyranescas foi tida como perdida por Le Bret, mas um fragmento que sofreu forte intervenção foi publicado cinco anos mais tarde. É sobre sua *Viagem à Lua* que este artigo se detém.

#### *A publicação da Viagem à Lua*

A *História Cômica*, como a *Viagem à Lua* (*O Outro Mundo ou Os Estados e Impérios da Lua*) veio a ser publicada originalmente, conta com três edições manuscritas sobreviventes – os manuscritos de Paris, Munique e Sydney, sendo nenhum da pena do autor – e uma impressa postumamente, em 1657. Cada uma das cópias manuscritas é marcada por características próprias: Chartier (207, p. 212) liga o manuscrito de Sydney, composto entre 1646 e 1652 de acordo com a análise do papel, aos círculos eruditos do período; o de Munique, que denota uma transcrição pobre, seria uma cópia para uso particular; e o de Paris, resultado de uma transcrição profissional, poderia ser usado para difusão da obra, na medida em que enquadra o texto dentro de critérios de uniformidade – i.e., escrita regular e ordenação dos cadernos. Margaret Sankey, responsável pela impressão do manuscrito de Sydney, descoberto apenas ao final dos anos 1970, destaca a proximidade deste com o manuscrito de Munique, ao mesmo tempo em que ambos contêm elementos ausentes tanto do manuscrito de Paris

---

<sup>14</sup> As mazarinadas, assinadas DB ou BD, foram tomadas como “de Bergerac” ou “Bergerac Dyrcona” (o protagonista que tem seu nome revelado na *Viagem ao Sol*) notadamente a partir do século XIX, por Lacroix, e na edição de 1911 por Lachèvre. Alcover, em “Stylistique et critique d’attribution : Requiem pour les mazarinades défuntes de Cyrano” (2004) realizou uma análise a partir das conjunções causais mais frequentemente utilizadas por Cyrano em suas obras e aquelas presentes nos panfletos, chegando a conclusões opostas ao que comumente se atribuía.

(o mais longo dos três, que servirá de base para as primeiras edições do século XX), quanto da primeira edição impressa<sup>15</sup>.

A quantidade de cópias manuscritas da *Viagem à Lua* e as diferenças entre elas permitem uma reflexão acerca da estruturação do mercado do impresso no contexto, pois, ainda que a revolução de Gutenberg tomasse de assalto os ateliers de copistas espalhados pela Europa, o manuscrito não deixou subitamente de circular diante do avanço do impresso. Ao contrário, ele ainda representava um meio acessível de difusão de textos dos mais diversos, notadamente daqueles que encontraram ou poderiam encontrar problemas com a censura.

(...) a própria forma do livro manuscrito, que continua aberto a correções, recortes e adições em todas as etapas de sua fabricação, da composição à cópia e da cópia à encadernação, permite a escrita em vários momentos (...) ou a várias mãos (...). A publicação manuscrita é uma resposta às corrupções introduzidas pela impressão, que submete aos interesses econômicos o comércio das cartas (salvo quando a publicação manuscrita também toma forma comercial, como as notícias escritas a mão) e protege as obras das alterações introduzidas por compositores incompetentes e revisores ignorantes. (Chartier, 2007. p. 191)

As diferentes formas através das quais o romance de Cyrano chegou a seus primeiros leitores aponta, assim, para diferentes sociabilidades em torno do impresso e seus usos distintos. Ligando-se o manuscrito de Sydney aos círculos mais abertos às ideias cyranescas, seria possível, em princípio, estimar um público seletivo em consonância com as críticas estabelecidas pelo autor, assim como a extensão do manuscrito de Paris poderia ensejar um constante trabalho de revisão do autor sobre seu texto original. Mais do que isso, o intervalo entre o ano estimado como término da redação da obra, 1649, e o ano da morte do autor, 1655, leva a questionamentos acerca do resguardo deste texto quando, como François de Graux oportunamente destaca, Cyrano levou às prensas três versões de suas *Lettres*, uma tragédia e uma comédia (2001, p. 351). Seria uma obra em que Cyrano trabalhava continuamente e ainda não estava pronta para publicação; que esperava terminar a *Viagem ao Sol*, segundo livro deixado incompleto que forma *O Outro Mundo* juntamente da *Viagem à Lua*; ou ainda que preferia manter em segredo?

---

<sup>15</sup> Cf. Cyrano de Bergerac, 1995.



Na publicação póstuma da *História Cômica*, em 1657, Henry Le Bret afirma no prefácio: “*Leitor, eu te dou a obra de um morto que me encarregou de seu cuidado, para te dar a conhecer que ele não é um morto qualquer*”<sup>16</sup>. Apresentando-se assim como depositário do romance por Cyrano, Le Bret acabou sendo tomado como o responsável pelas alterações no texto por boa parte dos pesquisadores do século XX. O amigo de Cyrano assinala as “lacunas” presentes na obra, que ele teria preenchido se dispusesse de tempo e um estilo compatível com o autor. Ou seja, longe da deferência a um texto escrito por Cyrano, sua reescrita para que chegasse à publicação era não somente vista como ordinária, mas uma necessidade – o responsável pelas alterações, no entanto, permanece sob interrogação<sup>17</sup>. Nesse sentido, ao refletir sobre a questão da autoria, Chartier aponta precisamente como na Primeira Modernidade as obras estavam longe de reproduzirem fielmente a escrita de seus autores. A autoria se revelava então um processo de inferências múltiplas, dos editores que depuravam os textos para evitar problemas com a censura e impressores – com os diferentes trabalhos em um atelier gráfico que implicavam em transformações no texto vistas como necessárias, da quantidade de papel à disposição do texto –, constituindo-se em um processo coletivo de elaboração textual (2012).

A edição de 1657 se revela, a partir da investigação de Madeleine Alcover, uma edição composta a partir de dois manuscritos (Paris e Sydney) – o que coloca sob suspeita a afirmação de Le Bret de que Cyrano teria lhe legado a obra completa. Há ainda subtrações ostensivas em relação ao manuscrito mais completo, depurado seja por Le Bret, a despeito de suas negativas, seja pelo livreiro Charles de Sercy, que publicara suas obras anteriores, ou ainda por um terceiro do círculo de Cyrano. Alcover, em um sério trabalho filológico, destaca o quanto o texto impresso de 1657 foi amputado, enumerando 561 linhas subtraídas em relação ao manuscrito de Paris, notadamente de passagens que polemizam a (in)existência de deus, a (i)mortalidade da alma, a criação do mundo e a (i)moralidade. Problemas de continuidade no texto, além de uma nova

---

<sup>16</sup> Trad. livre: “*Lecteur, je te donne l’ouvrage d’un mort qui m’a chargé de ce soin, pour te faire connoistre qu’il n’est pas un Mort du commun*”. Le Bret, *op. cit.*

<sup>17</sup> Madeleine Alcover (2012) fala mesmo de uma equipe de revisores que incluiria, além do próprio Le Bret, o livreiro Charles de Sercy, o amigo Jean de Cuigy, o responsável pelas cartas de privilégio de impressão e Tanneguy Regnault des Boisclairs, a quem a obra é dedicada. Aventa ainda o amigo Royer de Prade, a prima Madeleine Robineau e a madre Marguerite de Jesus, parente de Cyrano e priora das Filles de la Croix, em cujo convento Cyrano foi enterrado.

conclusão em flagrante contradição com os elementos narrados, apontam para uma inegável intervenção editorial.<sup>18</sup>

Tal interferência certamente ganhou impulso na medida em que as *Lettres* de Cyrano já haviam sido objeto de censura quando impressas, acentuando o cuidado necessário na revisão da *Viagem à Lua* para sua impressão. Alcovert (2012) chega a afirmar que a Grande Chancelaria, responsável pela verificação dos manuscritos e outorga do privilégio de impressão, nunca recebeu uma versão não adulterada da obra. Mas mesmo os cuidados tomados não impediram que a *História Cômica* fosse censurada em sua versão impressa, como pode ser verificado a partir da confrontação do manuscrito de Paris com um exemplar da mesma edição, conservado na biblioteca de Harvard. Enquanto o manuscrito parisiense foi corrigido com o expediente dos cartões, quando páginas já impressas e consideradas problemáticas são retiradas da obra no prelo e substituídas por outras, a cópia da edição de 1657 de Harvard escapou à censura da obra impressa. Neste duplo trabalho de controlar os escritos antes e depois de sua impressão, edições inteiras poderiam ser postas a perder ou sujeitas a correções que demandavam tempo e custos adicionais, o que dava uma vantagem considerável para a literatura clandestina, como ressalta Chartier<sup>19</sup>.

O texto da *Viagem à Lua*, sob as diferentes formas que chegou ao público<sup>20</sup>, incluindo problemas de lógica e continuidade, não deixa de impactar na escolha dos temas e na inserção do narrador, em flagrante choque com a ortodoxia. Mas além disso, ao recorrer ao romance como estrutura narrativa, Cyrano tem a possibilidade de transpor a crítica para um universo ficcional, e nesse processo recorre à metáforas, à ironia e ao uso extenuante de paradoxos no jogo com o real. Darmon (2004, p. 253), em resposta à interrogação de Schaeffer (1999) do porquê da ficção, afirma que “muitos herdeiros do neoceticismo teriam podido sem dúvida responder: porque a ficção pode *estar* em toda parte, até em sua própria crítica, e porque o sujeito, o que quer que ele possa pensar disso, é antes de mais nada feito daquilo que ele acredita e daquilo que ele finge.” Cyrano, um crente do impossível para as mentes mais fechadas de antes e de agora,

<sup>18</sup> Cf. Cyrano de Bergerac, *Œuvres complètes*, 2001.

<sup>19</sup> Sobre as edições cartonadas, ver especialmente Alcovert, 2012. Em português, um capítulo de Chartier dedicado aos livros nas viagens de Cyrano aborda o assunto rapidamente (2007, p. 163-204).

<sup>20</sup> As edições da *Viagem à Lua* dos séculos seguintes, compostas sob o título *L'Autre Monde* juntamente da *Viagem ao Sol*, foram marcadas por diferentes critérios subjetivos, da escolha do manuscrito base à verificação das passagens suprimidas. Recomenda-se a edição de Madeleine Alcovert (Champion, 2000), que realizou um trabalho amplo de cotejamento dos manuscritos e da primeira edição (tanto na versão cartonada quanto na “original”). No Brasil, a tradução de João Maria Machado para o Clube do Livro, em 1955, enquadra-se nas traduções “especiais” do autor comentadas por Denise Bottmann (2012). Há também uma tradução mais recente por Fulvia M. L. Moretto, pela editora Globo (2007).

*Viagem à Lua*: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta cabeça em Cyrano desenvolve um imaginário em espaços inalcançáveis para os mais comuns dos mortais, onde reverbera sua crítica.

#### *Limites entre utopia e viagem imaginária na Viagem à Lua*

A *História Cômica*, tal como a primeira edição se deu a conhecer, anuncia em seu título o veio satírico da narrativa que contém, julgado por Le Bret ou por quem a intitidou, na medida em que nada indica que Cyrano tenha renomeado sua *Viagem à Lua*. A partir do título, a obra partilhará de um gênero que inclui narrativas de Charles Sorel (*Vraie histoire comique de Francion*, 1610), Théophile de Viau (*Premières journées, fragments d'une histoire comique*, 1623) e Tristan l'Hermite (*Le Page disgracié*, 1643), além do desafeto Paul Scarron (*Le Roman comique*, 1651). A narrativa cyranesca, entretanto, foge das características fundamentais do gênero, quais sejam, o recurso a elementos do cotidiano e proximidade entre personagens e leitores.

A *Viagem à Lua*, apresentada em forma de diálogo, segue de forma geral a estrutura das narrativas de viagens, reais e imaginárias, em voga desde a ampliação dos limites do mundo com as explorações interoceânicas do século XVI: o narrador oferece um retrato de suas tentativas de alcançar um determinado espaço, contando acerca dos lugares encontrados em sua trajetória, bem como seus habitantes. Trata-se, em Cyrano, de uma viagem um pouco mais longínqua do que as que pretensamente resultavam na chegada às imaginadas terras austrais<sup>21</sup>, mas que partilha com elas tanto um modelo narrativo quanto os elementos fantásticos presentes nas viagens imaginárias. Nessa linha, *A Terra Austral Conhecida* (1676), de Gabriel de Foigny (2011), e *História dos Sevarambos* (1677), de Denis Vairasse, resultam de viagens imaginárias e, nos passos de Cyrano, utilizam-se de um viés racionalista (ou se esforçam para) na França do século XVII.

Contudo, tanto Foigny quanto Vairasse constroem utopias em suas viagens. Ainda que a Lua cyranesca apresente elementos utópicos, ela não se detém sobre uma forma de governo, nem se dá a conhecer como um modelo de sociedade ideal, tampouco como um projeto a se alcançar. A perfeição não encontra espaço entre as páginas

---

<sup>21</sup> A *Cosmografia Universal* de Guillaume Le Testu conjugará, em meados do século XVI, a pretensão de mapear todos os territórios do mundo então conhecido com regiões imaginárias, como a Terra Austral. A esse respeito, ver Lestringant, 2012.

escritas por Cyrano, mas nelas observa-se a localização do Paraíso e da árvore da ciência, recorrendo-se a elementos próprios do imaginário mítico-religioso, além de determinadas melhorias sociais, notadamente quanto ao aproveitamento espacial. É ilustrativa dessa questão a coexistência na Lua de cidades móveis e cidades sedentárias, nas quais casas podem abaixar ou levantar no solo, segundo a condição do clima, de forma que os espaços e o que neles se produz são otimizados.

A Lua também reforça os apelos da juventude e de uma vida livre das doenças que infestavam o contexto vivido pelo autor. Cada casa lunar conta, nesse sentido, com a presença de um médico para tratar os sãos, a fim de que não adoeçam. Assim como a atenção se volta aos saudáveis, a compreensão de doença e do fim que atinge a todos – exceto para o demônio de origem solar que acompanha o narrador e consegue reviver a partir de corpos mortos, nos quais sua alma penetra<sup>22</sup> – passa por uma reavaliação das percepções terrenas.

A morte, fim inexorável, é encarada na Lua como uma condenação se acontece naturalmente. A morte ideal no mundo projetado por Cyrano é sempre planejada por aqueles que lhe são merecedores, que recorrem a um ritual centrado no que seria a essência humana transcendente ao corpo. Nesse sentido, o sepultamento é símbolo da infâmia, pois a putrefação é considerada humilhante, assim como as lágrimas dos próximos ao morto são um castigo. As honras fúnebres na Lua compreendem a cremação do corpo morto, de forma que a alma possa dele se separar. A mais bela inumação é reservada neste mundo aos sábios: aquele que vai morrer adverte seus amigos do dia e do lugar, e o amigo mais próximo o mata com um punhal no coração; em seguida, seus amigos, por ordem de proximidade, sugam seu sangue e comem sua carne, compartilhando de seu espírito<sup>23</sup>.

Mesmo em mundo no qual a morte se faz presente, dela é retirada sua carga negativa e seu peso sobre as consciências terrenas. A ênfase sobre o bem viver, a juventude e o valor da amizade retoma as utopias de evasão, quando elas se restringiam aos domínios do sonho e ainda não haviam sido convertidas em um projeto realizável. Cyrano, ademais, mesclará ao seu *Outro Mundo* o tom burlesco da Cocanha: “Eis aí, imaginei no mesmo instante, o que se diz por provérbio em nosso mundo de um país

---

<sup>22</sup> O tema da morte e do renascimento será especialmente explorado por Cyrano em sua *Viagem ao Sol*.

<sup>23</sup> Sobre a morte nas viagens de Cyrano, ver Appelt, 2015.

onde as cotovias caem todas assadas! Sem dúvida alguém voltara daqui.”<sup>24</sup> Provérbio que significa esperar receber tudo facilmente<sup>25</sup>, o lugar onde as cotovias caíam assadas se explicita literal e metaforicamente na Cocanha e na Lua cyranesca, com a abundância alimentar e a busca de resultados sem se despendar esforços para tal.

A continuidade da Cocanha nas narrativas da Primeira Modernidade salienta a percepção quanto à possibilidade da existência de outros mundos, indicando a importância da abolição dos limites físicos e imaginários no pensamento da época. Sobre a terra da abundância e da indolência, Franco Jr. (1998, p. 164) apresenta uma reflexão extensível às utopias do período analisado:

*O fabliau da Cocanha*, como toda obra literária, construiu uma certa representação da realidade objetiva que a via nascer, que pedia seu nascimento. No entanto, mais do que isso, aquele texto visava, em última instância, ultrapassar tal realidade. Enfim, aplica-se perfeitamente ao *fabliau da Cocanha* (e de forma geral à literatura utópica) a célebre observação de Ferdinand Saussure: não é o objeto que precede o ponto de vista, ‘é o ponto de vista que cria o objeto’.

Cyrano, no bojo das transformações de uma sociedade em que o pensamento de base científica se mescla às vivências e dogmas religiosos, ora em contraposição, ora em submissão, vai além dos limites estabelecidos nas sociedades utópicas então projetadas. Nos mundos construídos pelo autor observam-se discussões caras ao círculo de Gassendi, inserido no contexto de dessacralização do céu que se dava com as recentes descobertas astronômicas, tema explorado por Jean Delumeau em sua busca pelo Paraíso (2003). Os leitores eram lançados em um universo que, se não inédito – Luciano de Samósata, ainda no século II, já escrevera sobre uma viagem à Lua<sup>26</sup> –, é abordado a partir de uma perspectiva privilegiada.

Ao longo do século XVII, a possibilidade da existência de seres na Lua ou em outros planetas é aventada por diferentes autores. Durante o período da vida de Cyrano, publica-se *Sonho ou Astronomia da Lua (Somnium, seu opus posthumum de astronomia*

---

<sup>24</sup> Trad. de: “Voilà, m’imaginai-je aussitôt, ce qu’on dit par proverbe en notre monde d’un pays où les alouettes tombent toutes rôties ! Sans doute quelqu’un était revenu d’ici.” Cyrano de Bergerac, 1997, p. 64.

<sup>25</sup> O *Dictionnaire de l’Académie* (1694) traz: “Il attend que les aloüettes luy tombent toutes rosties dans le bec, Se dit d’un paresseux qui ne veut point travailler”. Oudin afirma: “Les alloüettes luy tomberont toute rosties dans la bouche, par ironie, pour dire que quelqu’un n’aura pas tout ce qu’il se promet de bien au lieu où il s’achemine” (1640, p. 10). La Mésangère, por sua vez, relaciona a expressão ao maná que caía dos céus para os filistinos (1821, p. 58).

<sup>26</sup> A esse respeito, ver Brandão, 2007.

*lunari*, 1634) de Kepler, assim como *O Homem na Lua* (*The Man in the Moone*, 1638) de Francis Godwin, traduzido em fins da década de 1640 na França<sup>27</sup>, pouco antes de Cyrano terminar a redação de sua primeira viagem, o que permite aventar uma fonte de inspiração. Por sua vez, a *Viagem à Lua* foi traduzida para o inglês apenas dois anos depois de sua primeira edição na França como *Selenarhia, or, the government of the World in the Moon* (1659). Após a morte de Cyrano, Gassendi fala sobre a vida em outros astros, especialmente na Lua, em *Sintagma philosophicum* (*Combinação filosófica*, 1658); Evariste Gherardis publica a comédia *Arlequin, Imperador na Lua* (*Arlequin, Empereur dans la Lune*) em 1684; Fontenelle, em *Entretiens sur la pluralité des mondes* (*Conversações sobre a pluralidade dos mundos*, 1686), critica a ‘loucura’ antropocêntrica.

A escolha do cenário por Cyrano parte, portanto, de questionamentos caros aos círculos eruditos de seu contexto, e a agudeza de suas observações se farão sentir não apenas na Lua habitada por outros autores. Tal como o protagonista cyranesco, Gulliver se tornará uma atração para os nativos de Brobdingnag em uma das utopias clássicas do século XVIII<sup>28</sup>. Se não se classifica como uma utopia no sentido estrito já que, tal como seu autor, a *Viagem à Lua* não pode ser confinada a um único gênero, a obra deixou vestígios nas produções utópicas subsequentes, sobretudo no que toca à concepção de humanidade.

Essa será explorada por Cyrano a partir de um recurso caro a escritores e gravadores do período, a inversão. A contraposição entre os lados direito e avesso de objetos, indivíduos e do próprio espaço físico permite ao autor questionar o que é tido como normal, situando o padrão de normalidade dentro das estruturas de determinada sociedade. Nesse sentido, a Lua de Cyrano configura-se no mundo de ponta cabeça por excelência, com práticas e valores opostos aos da Terra, um espaço no qual a humanidade pode se ver refletida em seu pretense antagonismo. Como Le Bret aventa em seu prefácio, Cyrano encontrara no romance “uma forma nova de tratar das coisas importantes, que poderia tocar o gosto dos espíritos do século”.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Traduzido em português por Bruna P. Caixeta (Godwin, 2014).

<sup>28</sup> Swift, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*, 1726.

<sup>29</sup> Trad. livre: “un roman serait une façon nouvelle de traiter les grandes choses, qui pourrait toucher le goût des esprits du siècle.” Le Bret, 1657.

*A Lua como o mundo às avessas*

O mundo às avessas consiste em um topos disseminado ao longo da história<sup>30</sup>, mas com uma representatividade expressiva na Primeira Modernidade, quando se constitui em um corpus imagético impresso através da Europa, notadamente na França, nos Países Baixos, no Sacro Império e nas cidades-estado italianas. Reconhecidas sob os nomes de *monde à l'envers* ou *sens dessus dessous*, *die verkehrte Welt*, *il mondo alla riversa* ou *alla rovescia*, *el mundo al revés* e *the world upside down*, tais imagens invertem a lógica da ordem ao trocarem a posição entre objetos, humanos e animais: o céu abaixo e a terra acima, o porco sangrando o açougueiro e as crianças espancando os pais são temas constantes nas gravuras que deixavam os ateliers de impressão. Homens de letras do período compartilharão da inversão de mundo como recurso alegórico, de Erasmo a Rabelais, expressando através dela uma ácida crítica social. Mas é com Cyrano de Bergerac que o mundo de ponta cabeça surge explorado em seu potencial pleno, das situações narradas à linguagem empregada, operando-se trocas nos sentidos mais elementares que se situam entre o lúdico e a crítica.

Mundo às avessas por excelência, a Lua consiste em um mundo para o qual a Terra é a Lua. Cyrano inverte, assim, a um só tempo, a dimensão física relacional entre os astros, mas, especialmente, a percepção de uma humanidade que se acredita o centro do universo, a despeito dos embates travados desde a divulgação das observações de Copérnico. Como Rousset sublinha, na Lua “supõe-se um mundo para convencer de irrealidade o mundo real, tanto quanto aquele pelo qual o substituímos.”<sup>31</sup> Privilegiando o uso da razão, o narrador da *Viagem à Lua* critica a arrogância humana que se toma como modelo de todas as coisas e, baseado na empiria, questiona o movimento da Terra e a posição solar, ponto de partida para suas indagações futuras sobre a infinitude do universo e a existência de vida em outros planetas:

(...) a maioria dos homens, que julgam somente pelos sentidos, deixaram-se persuadir por seus olhos; e, da mesma forma que aquele do qual a nau navega de terra em terra acredita permanecer imóvel, e que a margem se aproxima, assim os homens, girando com a terra ao redor do céu, acreditaram que era o próprio céu que girava em torno deles. Acrescenteis a isto o orgulho insuportável dos humanos, que

<sup>30</sup> Papiros do Egito do Novo Império, por exemplo, mais de mil anos antes da era comum, mostram gatos perseguidos por ratos. Tristan, 1980, p. 175.

<sup>31</sup> Trad. livre: “*On suppose un monde pour convaincre d'irréalité le monde réel aussi bien que celui qu'on lui substitute*”. Rousset, 1961, p. 15.

lhes persuade que a natureza foi feita somente para eles; como se fosse verossímil que o Sol, um grande corpo, quatrocentos e trinta e quatro vezes mais vasto que a Terra, não tivesse sido iluminado senão para amadurecer suas nêspas e arredondar suas couves. (...) Pois como, de boa fé, imaginar que esses globos tão espaçosos sejam somente grandes campos desertos, e que o nosso, porque nele rastejamos, uma dúzia de gloriosos patifes, foi feito para comandar a todos? Quê! Porque o Sol compassa nossos dias e nossos anos, significa que ele foi construído tão somente a fim de que nós não batamos a cabeça contra os muros? Não, não, se esse Deus visível ilumina o homem, é por acidente, como o brilho do rei ilumina por acidente o carregador que passa pela rua.<sup>32</sup>

Encontrando na Lua a Terra invertida, o narrador de *Cyrano* explora, portanto, as mais recentes discussões sobre os céus que se abriam, relativizando percepções arraigadas nos indivíduos. A Lua, no entanto, não apenas seria um mundo habitado, como seria o ponto de origem da humanidade. Nela *Cyrano* situa o Paraíso, de onde Adão e Eva foram banidos para então se refugiarem na Terra, temendo a ira divina. Observa-se, assim, que a despeito de condições ideais, a autoridade exerce um papel fundamental sobre os indivíduos lunares, característica que será estendida a seus descendentes terrestres. Questionamento central em *Cyrano*, a autoridade é pensada em seu caráter arbitrário e, no mundo às avessas, compreende posições conflitantes com a troca de posição entre pais e filhos, jovens e velhos. O que determina sua validade é o papel em que o observador se reconhece.

Assim como Erasmo, que em seu *Elogio da Loucura* afirmara que os governos deveriam caber aos jovens, pois são eles os mais fortes, *Cyrano* os imbuí de tal responsabilidade, e vai além, incumbindo-os do disciplinamento dos mais velhos. A inversão liga-se, neste ponto, a um conflito entre gerações e, seguindo a observação de Frédéric Tristan, o “tema pode então se prestar à caricatura dessas velhas pessoas que repetem que, no seu tempo, tudo seguia direito, enquanto que, no tempo atual, tudo vai

---

<sup>32</sup> Trad. de: “*la plupart des hommes, qui ne jugent que par les sens, se sont laissé persuadé à leurs yeux ; et de même que celui dont le vaisseau navigue terra à terre croit demeurer immobile, et que le rivage chemine, ainsi les hommes tournant avec la terre autour du ciel, ont crû que c’était le ciel lui-même qui tournait autour d’eux . Ajoutez à cela l’orgueil insupportable des humains, qui leur persuade que la nature n’a été faite que pour eux ; comme s’il était vraisemblable que le soleil, un grand corps, quatre cent trente-quatre fois plus vaste que la terre, n’eût été allumé que pour mûrir ses nèfles, et pommer ses choux. (...) Car comment, en bonne foi, s’imaginer que ces globes si spacieux ne soient que des grandes campagnes déserts, et que le nôtre, à cause que nous y rampons, une douzaine de glorieux coquins, ait été bâti pour commander à tous ? Quoi ! parce que le soleil compass nos jours et nos années, est-ce à dire pour cela qu’il n’ait été construit qu’afin que nous ne cognion pas de la tête contre les murs ? Non, non, si ce Dieu visible éclaire l’homme, c’est par accident, comme le flambeau du roi éclaire par accident au crocheteur qui passe par la rue.*” *Cyrano de Bergerac*, 1997, p. 37.



às avessas.”<sup>33</sup> Para o choque daqueles que se reservam autoridade em função dos anos vividos, no *Outro Mundo* cabe ao Senado determinar quando uma criança atinge a idade da razão e passa a governar seus pais, devendo os velhos prestar honrarias aos jovens.

(...) é preferível que os jovens sejam providos do governo das famílias do que os anciãos. Certamente, vós seríeis bastante fracos por acreditar que Hércules, Aquiles, Epaminondas, Alexandre e César, todos mortos antes dos quarenta anos, fossem pessoas a quem se devesse somente honras vulgares, e que a um velho caduco, porque o Sol por noventa vezes espizou sua colheita, vós deveis incensá-lo.<sup>34</sup>

Diante da admiração expressa pelo viajante terrestre, o demônio de Sócrates argumenta que de nada vale invocar a geração como uma dádiva paterna, que subjugaria os filhos aos pais. Pois antes de serem pais, estes também foram filhos, de modo que tão somente estariam pagando seu débito com a natureza ao engendrará-los. Submetendo os velhos à autoridade dos jovens, Cyrano evoca a arbitrariedade do poder paterno, em um contexto de reforço da autoridade parental e disciplinamento juvenil, na medida em que a figura paterna evoca, em escala reduzida, a figura do rei, senhor incontestado de seus súditos e reflexo divino sobre o reino.<sup>35</sup> Na Lua de Cyrano, um jovem argumenta com os convivas, após uma discussão com seu pai:

- Não importa, ele replicou dando-lhe um coice, vós deveis obedecer cegamente, não avançar em minhas ordens, e vos lembrar somente do que eu vos ordenei. Rápido, vais buscar vossa efígie. Assim que ele a trouxe, o rapazinho o segurou pelo braço, e o fustigou durante um bom quarto de hora.  
- Pois, eia! Malandro, continuou ele, em punição de vossa desobediência, eu quero que vós servis hoje de risada a todo mundo, e para esse efeito, eu vos ordeno a andar somente sobre dois pés pelo resto do dia.

<sup>33</sup> Trad. de: “*Le thème peut alors se prêter à la caricature de ces vieilles personnes qui répètent que, de leur temps, tout allait à l’endroit, tandis que, dans le temps actuel, tout va à l’envers.*” Tristan; Lever, 1980, p. 14.

<sup>34</sup> Trad. de: “(...) *il vaut mieux que les jeunes soient pourvus du gouvernement des familles que les vieillards. Certes, vous seriez bien faible de croire qu’Hercule, Achille, Epaminondas, Alexandre et César, qui sont tous morts au dèça de quarente ans, fussent des personnes à qui on ne devait que des honneurs vulgaires, et qu’à un vieux radoteur, parce que le soleil a quatre-vingt-dix fois épié sa moisson, vous lui deviez de l’encens.*” Cyrano de Bergerac, 1997, p. 84.

<sup>35</sup> Estruturam esse cenário de reforço da ordem patriarcal um conjunto de práticas e discursos do qual o Estado absolutista francês lançou mão, como a tentativa de suprimir os casamentos clandestinos expressa pelo Código Michau de 1629 e, por conseguinte, conformar os jovens às decisões paternas. As *lettres de cachet* – cartas com o sinete real que determinam a prisão ou o exílio sumário – davam aos pais um meio de garantir mais categoricamente a obediência dos filhos, sobretudo quanto ao casamento e à partilha de bens. Ver a respeito: Liebel, 2013; Muchembled, 1994 e 2003.

Esse pobre velhote saiu bastante desolado e seu filho continuou:  
- Senhores, eu vos rogo desculpar as peraltices desse irritadiço; eu esperava fazer dele alguma coisa de bom, mas ele abusou da minha amizade. Eu penso que esse maroto me fará morrer; na verdade, ele já me colocou mais de dez vezes a ponto de lhe dar minha maldição.<sup>36</sup>

A autoridade do filho sobre os pais, na fantasia de Cyrano, evoca conflitos de geração do mundo real, quando se mesclam nas áreas urbanas um aumento na idade para o casamento e, conseqüentemente, para a demarcação de um domínio próprio dos jovens em vias de terem seu status elevado; e a redução das sociabilidades, diante das contínuas tentativas de purificação das festas e controle das tavernas com o avanço da Contrarreforma. Por outro lado, crescem as confrarias, onde aprendizes estabelecem laços de solidariedade e são redesenhados os grupos conforme as faixas etárias compreendidas, dando continuidade a elementos originados nas abadias do desgoverno, ainda presentes nas áreas rurais com a função de zelar pela vigilância comunitária. Muchembled observa a partir desses elementos o desenrolar da “invenção” da adolescência, “período dos piores conflitos possíveis sobre o inflamado sujeito da escolha do cônjuge, imagem inversa do poder do adulto que reina sobre ela. Extraída das solidariedades juvenis, ela leva também ao coração da família paixões potencialmente destruidoras e a promessa de calçar um dia as botas do mestre da casa.”<sup>37</sup>

Mas a inversão de status entre jovens e velhos na Lua cyranesca revela que condições ideais não resultam, necessariamente, em indivíduos melhores como as utopias ensejam, pois inverte-se aqueles que detém o poder, mas a raiz da autoridade e como ele é empregada não são questionadas. A partir da contraposição entre a ordem e seu avesso são determinados os lugares sociais e é reforçada uma hierarquia que

---

<sup>36</sup> Trad. de: “- *N'importe, repartit-il en lui lâchant une ruade, vous devez obéir aveuglément, ne point pénétrer dans mes ordres, et vous souvenir seulement de ce que je vous ai commandé. Vite, allez quérir votre effigie.*

*Lorqu'il l'eut apportée, le jouvenceau la saisit par le bras, et la fouetta durant un gros quart d'heure.*  
- *Or sus ! vaurien, continua-t-il, en punition de votre désobéissance, je veux que vous serviez aujourd'hui de risée à tout le monde, et pour cet effet, je vous commande de ne marcher que sur deux pieds le reste de la journée.*

*Ce pauvre viellard sortit fort éploré et son fils continua :*

- *Messieurs, je vous prie d'excuser les friponneries de cet emporté ; j'en espérais faire quelque chose de bon, mais il a abusé de mon amitié. Pour moi, je pense que ce coquin-là me fera mourir ; en vérité, il m'a déjà mis plus de dix fois sur le point de lui donner ma malédiction.”* Cyrano de Bergerac, 1997, p. 95.

<sup>37</sup> Trad. de: “(...) *période des pires conflits possibles sur le brûlant sujet du choix du conjoint, image inversée de la puissance de l'adulte qui règne sur elle. Extraite des solidarités juvéniles, elle amène aussi au coeur de la famille des passions potentiellement destructrices et la promesse de chausser un jour les bottes du maître de maison.*” Muchembled, 1994, p. 339.

envolve, necessariamente, inferioridade e subordinação. O choque diante da inversão experienciada continuamente pelo narrador dá espaço, assim, a um sentimento de familiaridade com as práticas terrenas.

Ao chegar à Nova França – a França da Lua –, o narrador é considerado uma espécie inusitada, já que é comparado aos habitantes locais, cujo físico consiste no padrão de comparação. É confinado junto ao “animalzinho” da rainha, um espanhol que fora parar no mundo da Lua e que, até então, era o único daquela espécie que os lunares haviam visto. O narrador foi tido como a fêmea desta espécie exótica e, logo, a rainha passou a sentir-lhe o ventre, desejando ver os filhotes que seriam gerados por essas criaturas inauditas. As “bestas do Rei” passavam seus dias à exposição dos curiosos, que se dividiam quanto à incompreensão destes seres; alguns lhes atiravam pedras, outros nozes, invertendo-se a posição entre humanos e animais.

Aos jesuítas lunares, sobretudo, parecia impossível que não se tratasse de animais, mas de homens como eles, mostrando a inversão de espécies apenas como um ponto de partida para explicitar a ignomínia da ordem jesuítica no pensamento do autor, tanto na Terra como na Lua. A arbitrariedade do poder dos homens sobre os animais é expressa com o convencimento dos lunares pelos padres de que o ser em questão era um pássaro, por possuir apenas dois pés, de modo que o narrador foi engaiolado<sup>38</sup>.

Quando consegue se comunicar com seus captores, explicando quem ou o que ele era, de onde viera e como chegara a esse mundo que tomava a Terra por sua Lua, vê suas explicações não serem suficientes. Sua lucidez, no entanto, leva-o a afirmar que, em seu próprio mundo, não acreditariam nele. Os jesuítas lunares afirmavam ser “uma impiedade apavorante acreditar que não somente bestas, mas monstros fossem da sua espécie.”<sup>39</sup>

Seria muito mais provável, acrescentavam os menos apaixonados, que nossos animais domésticos participassem do privilégio da humanidade e da imortalidade por conseqüência, porque eles nasceram no nosso país, do que uma besta monstruosa que se diz nascida eu não sei onde na Lua; aliás, considereis a diferença que se faz notar entre nós e eles. Nós caminhamos sobre quatro pés, porque Deus não quis se fiar de uma coisa tão preciosa sobre uma posição menos firme; ele temeu que acontecesse qualquer coisa ao homem e, por isso, ele tomou para si

---

<sup>38</sup> Cyrano de Bergerac, 1997, p. 74.

<sup>39</sup> Trad. livre: “une impiété épouvantable de croire que non seulement des bêtes, mais de monstres fussent de leur spèce.” *Ibid.*, p. 73.

mesmo a dificuldade de posicioná-lo sobre quatro pilares, a fim de que ele não pudesse cair; mas desdenhou de se misturar à construção desses dois brutos, ele os abandonou ao capricho da natureza, a qual, não temendo a perda de tão pouca coisa, apoiou-as somente sobre duas patas.<sup>40</sup>

Para os padres da Lua, andar com dois pés fazia com que tais seres olhassem sempre para o céu, sinal de uma súplica permanente a seu criador; enquanto eles, ao andarem apoiados sobre quatro pés, eram levados a observar as coisas das quais eram senhores. Os clérigos convenceram os lunares de que se tratava na verdade de um pássaro, por possuir apenas dois pés, e, assim, engaiolaram o narrador. A retratação pública que lhe foi imposta, em substituição à punição de ser afogado, negava sua afirmação de que a Lua era um mundo “devido ao escândalo que a novidade dessa opinião pudera causar na alma dos fracos”<sup>41</sup>, segundo as premissas eclesiásticas. A humilhação, contudo, consiste em se vestir soberbamente e ser conduzido por quatro príncipes. Mesmo a concepção de justiça encontra-se, assim, invertida na Lua, caso extremo em que até mesmo a guerra é feita da maneira mais justa possível, procurando-se equiparar o tamanho dos soldados que se enfrentarão e seu grau de perícia. Mas mais do que isso, trata-se do questionamento em relação ao que consiste verdadeiramente honra e vergonha.

Durante o desfile pela cidade, o narrador exclama sua retratação: “Povo, eu vos declaro que esta lua aqui não é uma lua, mas um mundo; e que este mundo lá em baixo não é um mundo, mas uma lua. Tal é o que os padres acham bom que vós acrediteis.”<sup>42</sup> O autor demonstra, assim, a intolerância religiosa e sua incapacidade de absorver o novo, mesmo diante de evidências. A Lua de Cyrano mostra que, a despeito do meio, as falhas de caráter e a subjugação da moral às doutrinas produz erros em qualquer lugar. Mesmo em um mundo com práticas e valores opostos aos da Terra, verifica-se uma

<sup>40</sup> Trad. livre: “*Il y aurait bien plus d'apparence, ajoutaient les moins passionnés, que nos animaux domestiques participassent au privilège de l'humanité et de l'immortalité par conséquent, à cause qu'ils sont nés dans notre pays, qu'une bête monstrueuse que se dit née je ne sais où dans la lune ; et puis considérez la différence qui se remarque entre nous et eux. Nous autres, nous marchons à quatre pieds, parce que Dieu ne se voulut pas fier d'une chose si précieuse à une moins ferme assiette ; il eut peur qu'il arrivât fortune de l'homme ; c'est pourquoi il prit lui-même la peine de l'asseoir sur quatre pilliers, afin qu'il ne pût tomber ; mais dédaigna de se mêler de la construction des ces deux brutes, il les abandonna au caprice de la nature, laquelle, ne craignant pas la perte de si peu de chose, ne les appuya que sur deux pattes.*” *Ibid.*, p. 73-74.

<sup>41</sup> Trad. livre: “*à cause du scandale que la nouveauté de cette opinion aurait pu causer dans l'âme des faibles.*” *Ibid.*, p. 81.

<sup>42</sup> Trad. livre: “*Peuple, je vous déclare que cette lune ici n'est pas une lune, mais un monde ; et que ce monde là-bas n'est point un monde, mais une lune. Tel est ce que les prêtres trouvent bon que vous croyez.*” *Ibid.*, *id.*

similar intolerância religiosa que acaba por reforçar as críticas à ortodoxia católica. O espanhol feito prisioneiro pelos lunares, ademais, conta ter conhecido toda a Terra, mas não encontrado nenhum lugar em que a imaginação não fosse amordaçada, o que o levou a buscar refúgio na Lua após cair nas garras da Inquisição. “Vedes, disse-me ele, a menos que se use um barrete, um capuz ou uma batina, o que vós possais dizer de belo, se for contra os princípios desses doutores esfarrapados, vós sois um idiota, um louco, um ateu.”<sup>43</sup>

Mesmo a Lua, no entanto, não se encontra a salvo da intolerância, servindo como um espelho deformante para a humanidade, exposta pela pena de Cyrano. Delineia-se, assim, no avesso das práticas terrestres, a crítica à sociedade de seu tempo, apresentando a inversão como matéria privilegiada para denunciar os erros humanos: da concepção do universo e de uma divindade criada pelos homens aos governos em que se deve deferência à antiguidade ou linhagem – tanto o governo no plano doméstico, quanto no Estado. Como Maurice Lever destaca, no *Outro Mundo* de Cyrano

A inversão se faz subversão, máquina de guerra erguida contra os conformismos e as superstições. Ela vai mais longe que o relativismo de um Montaigne (verdade deste lado, erro além), pois ela inverte os polos do verdadeiro e do falso, do justo e do injusto, do bem e do mal, do belo e do feio. Ela toma por antecipação a oposição da aposta de Pascal e transforma os Estados e Impérios da Lua em lugares privilegiados do ateísmo. Jamais a recusa de Deus se exprimiu com tamanho vigor.<sup>44</sup>

Ao explorar o topos do mundo às avessas em suas múltiplas facetas, Cyrano de Bergerac vai além do nonsense do jogo com os elementos do real, colocando a autoridade sob escrutínio nas trocas que caracterizam as relações humanas. Ao adentrar o mundo do avesso, seu narrador conjuga o sentimento de estranheza provocado pela inversão com o questionamento do que se considera insólito. Abre, portanto, espaço

---

<sup>43</sup> Trad. de: “Voyez-vous, me dit-il, à moins de porter un bonnet carré, un chaperon ou une soutane, quoi que vous puissiez dire de beau, s’il est contre les principes de ces docteurs de drap, vous êtes un idiot, un fou, un athée.” *Ibid.*, p. 66.

<sup>44</sup> Trad. livre: “L’inversion se fait subversion, refus d’autorité, machine de guerre dressée contre les conformismes et les superstitions. Elle va plus loin que le relativisme d’un Montaigne (vérité en-deça, erreur au-délà), car elle intervertit les pôles du vrai et du faux, du juste et de l’injuste, du bien et du mal, du beau et du laid. Elle prend d’avance le contre-pied du pari de Pascal et transforme les Etats et Empires de la Lune en lieux privilégiés de l’athéisme. Jamais le refus de Dieu ne s’était exprimé avec une telle vigueur.” Lever, 1980, p. 44.

para uma crítica que transcende instituições e práticas, abarcando as sensibilidades modernas.

Da constatação da inversão ao questionamento, O *Outro Mundo* de Cyrano não é, portanto, um mundo ideal. Caricatura do real, a fim de evidenciar-lhe os traços negativos, a Lua serve como parâmetro para os limites impostos pela autoridade e pelas verdades estabelecidas na Terra, expondo cruamente o fanatismo. Assim como na Lua os indivíduos se despedem, Cyrano incita a seus leitores: “Procureis viver livremente”<sup>45</sup>.

### Referências bibliográficas

- ALCOVER, Madeleine. *La Pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Genève: Droz, 1970.
- ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrigé : Lettres, Etats du soleil, Fragment de physique*. Genève: Droz, 1990.
- ALCOVER, Madeleine. “Stylistique et critique d’attribution : Requiem pour les mazarinades défuntes de Cyrano”. In: *La Lettre clandestine*, 13, 2004, p. 234-259.
- ALCOVER, Madeleine. “Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac”. In: *Les Dossiers du Grihl*, coll. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irrégion. Essais et bibliographie. Mis en ligne le 18 février 2010. URL : <http://dossiersgrihl.revues.org/3817>
- ALCOVER, Madeleine. “Le Cyrano de Bergerac de Jacques Prévot”. In: *Les Dossiers du Grihl*, coll. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irrégion. Essais et bibliographie. Mis en ligne le 17 avril 2012. URL: <http://dossiersgrihl.revues.org/5079#bodyftn75>
- APPELT, Kelly. A morte na Lua e no Sol: religião, ciência e utopia nas viagens de Cyrano de Bergerac no século XVII. 2015. 77 p. Trabalho de conclusão de curso em História. Udesc, Florianópolis.
- BOTTMANN, Denise. “Mais uma sugestão de pesquisa”. In: Blog *Não gosto de plágio*, publicação de 9 de outubro de 2012. <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/10/mais-uma-sugestao-de-pesquisa-esta-ufa.html>
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. “Cyrano de Bergerac e a tradição luciânica”. In: *Bergerac, Cyrano de. Viagem à Lua*. São Paulo: Globo, 2007, p. 191-224.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever & apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. São Paulo: Unesp, 2007.
- CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUfscar, 2012.

---

<sup>45</sup> Trad. livre: “*Songez à librement vivre*”

- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Histoire Comique. Contenant les Estats et Empires de la Lune*. Préface de Henry Le Bret. Paris: Charles de Sercy, 1657.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Trad. de João Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1955.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *L'Autre Monde ou les Empires et Estats de la Lune*. édition diplomatique d'un manuscrit inédit, Bibliothèque Fisher, University of Sydney, RB Add. Ms. 68 / Cyrano de Bergerac. Org. Margaret Sankey. Paris: Lettres modernes, 1995.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Voyage dans la lune: l'autre monde ou les états et empires de la lune*. Paris: Flammarion, 1997.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Œuvres complètes*. Édition critique, textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2001.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*. Édition critique par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.
- CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto.. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin. Cyrano de Bergerac d'un monde à l'autre*. Langres: Klincksieck, 2004.
- DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- Dictionnaire de l'Académie Française*. Paris: Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694.
- FOIGNY, Gabriel de. *A Terra Austral Conhecida*. Trad., intr. e notas de Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- GODWIN, Francis. *L'homme dans la lune ou le voyage chimérique fait au Monde de la Lune, nouvellement découvert par Dominique Gonzales, Aventurier Espagnol, autrement dit Le Courrier Volant*. Paris: Piat et Guignard, 1648.
- GODWIN, Francis. *O homem na lua*. Tradução de Bruna Pereira Caixeta. In: *Utopia e ciência in Man in the moone (1638), de Francis Godwin*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, IEL/Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária. Campinas, 2014.
- GRAUX, François de. "Cyrano et les hydropotes". In: *La Lettre Clandestine*, n. 9, 2000, Paris, Presses de l'Université de la Sorbonne, 2001.
- GREENBLAT, Stephen A *Virada: o nascimento do mundo moderno*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- HORSLEY, Adam. "17th-century French libertinism". In: *The Literary Encyclopedia*. Publicado pela primeira vez em 13/04/2016. URL: <http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=19451>.
- KRAYE, Jill. "Philologists and Philosophers". In: Kraye, Jill. (ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Humanism*. Cambridge: Cambridge University, 2006.
- LA MÉSANGÈRE, Pierre de. *Dictionnaire des proverbes français*. Paris: Treuttel et Würtz, 1821.

- LE BRET, Henry. "Préface". In: Cyrano de Bergerac, Savinien de. *Histoire Comique. Contenant les Estats et Empires de la Lune*. Paris: Charles de Sercy, 1657.
- LEMOINE, Jean. "Le patrimoine de Cyrano de Bergerac". In: *La Revue de Paris*, 15 mai 1911.
- LESTRINGANT, Frank (éd.); Testu, Guillaume. *Cosmographie universelle selon les navigateurs tant anciens que modernes*. Paris: Flammarion, 2012.
- LEVER, Maurice. "Le Monde à l'envers". In : *Bulletin de la Société Archéologique, Historique et Artistique Le Vieux Papier*, fasc. 276, Paris, avril 1980.
- LIEBEL, Silvia. *O mundo as avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: humor, sandice e crítica social*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2006.
- LIEBEL, Silvia. *Les Médées modernes: la cruauté féminine d'après les canards imprimés*. Rennes: PUR, 2013.
- MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVII<sup>e</sup> siècle (1598-1701)*. Genève: Droz, 2000.
- MUCHEMBLED, Robert. *L'Invention de l'homme moderne. Cultures et sensibilités en France du XV<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Hachette, 1994.
- MUCHEMBLED, Robert. *Passions de femmes au temps de la reine Margot 1553-1615*. Paris: Seuil, 2003.
- LOUDON, Antoine. *Curiositez françoises pour supplément aux dictionnaires, ou Recueil de plusieurs belles propriétés, avec une infinité de proverbes et quolibets pour l'explication de toutes sortes de livres*. Paris: A. de Sommerville, 1640.
- PRÉVOT, Jacques. *Cyrano de Bergerac, poète & dramaturge*. Paris: Bellin, 1978.
- PRÉVOT, Jacques. *L'écrivain de la crise*. Paris: Ellipses, 2011.
- ROUSSET, Jean. *Anthologie de la Poésie Baroque française*. Paris: A. Colin, 1961.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *Pourquoi la fiction?* Paris: Seuil, 1999.
- SPENS, Willy de. *Cyrano de Bergerac: L'esprit de révolte*. Monaco: du Rocher, 1989.
- TRISTAN, Frédéric; Lever, Maurice. *Le monde à l'envers*. Paris: Hachette, 1980.
- VAIRASSE, Denis. *Histoire des Sévarambes*. Paris: Claude Barbin, 1677 (5 vol.).
- VILQUIN, Éric. "Cyrano de Bergerac, miroir (déformant) des connaissances et des idées démographiques du XVII<sup>e</sup> siècle". In: *Population*, 53e année, n°1-2, 1998. p. 13-28.